

TECNOLOGIA

MS é o 1º do País em adoção de integração lavoura e pecuária

São mais de 2 milhões de hectares, o que corresponde a 10,5% do total da área de agropecuária

PAULA VITORINO

Mato Grosso do Sul é o estado do País com a maior área de integração entre lavoura, pecuária ou floresta. São 2.085.518 hectares, o que representa 10,69% do total de 19,5 milhões de hectares sob uso da agropecuária no Estado. O sistema integrado de pecuária-lavoura é a principal modalidade, com benefícios mútuos para as duas culturas, como aumento da produtividade. No caso da pecuária, a produção pode até triplicar.

No ranking nacional, Mato Grosso aparece em seguida com 1,5 milhão de hectares. No Brasil, a área estimada atualmente é de 11,5 milhões de hectares, com expansão gradativa nos últimos dez anos – em 2005 o montante era de apenas 1,8 milhão/hac.

Os dados são de levantamento feito durante a safra 2015/2016 pela Kleffmann Group. A pesquisa foi encomendada pela Rede de Fomento ILPF (Integração-lavoura-pecuária-floresta), formada por empresas privadas e pela Embrapa.

“Temos observado um aumento contínuo de áreas de integração. Pesquisa recente no país mostrou que a maior área de sistema integrado é no Mato Grosso do Sul”, destaca o pesquisador da Embrapa Agropecuária Oeste, Júlio Cesar Salton. Ele ainda complementa dizendo que 95% da integração é entre lavoura e pecuária. “Vem se tornando uma tendência, principalmente dos últimos cinco anos para cá”, analisa.

Salton avalia que a região sul do Estado seja a que mais concentre esse tipo de integração. O pesquisador frisa que a modalidade é vantajosa tanto para agricultores quanto para os pecuaristas. “Para o agricultor, é vanta-



PAULO RIBAS

TÉCNICA. Área na Embrapa de exemplo de integração de lavoura e pecuária consociando milho com gramíneas para melhora do solo

BENEFÍCIOS ILPF



Otimização da reciclagem de nutrientes no solo



Melhoramento da qualidade e conservação das características produtivas do solo. Recuperação de pastagens.



Aumento da produção de grãos, carne, leite, produtos madeiros e não madeiros em uma mesma área



Possibilidade de aplicação em propriedades rurais de todos os tamanhos e perfis



Redução da sazonalidade do uso de mão de obra no campo e do êxodo rural



Maior eficiência na utilização de recursos (água, luz, nutrientes e capital) e ampliação do balanço energético



Mitigação das emissões de gases causadores do efeito estufa



Estabilidade econômica com redução de risco e incertezas devido à diversificação da produção

Fonte: Rede de Fomento ILPF

joso a presença de uma boa pastagem porque produz palhagem e protege o solo com uma boa cobertura, evitando

erosão. É uma fonte de matéria orgânica”, explica.

Salton ainda acrescenta que a lavoura ganha maior

potencial produtivo ao conseguir garantir a proteção do solo após a colheita dos grãos.

PECUÁRIA

Do outro lado, o pecuarista tem entre os benefícios a recuperação da pastagem, redução do impacto ambiental e a rotação de culturas. O produtor, de acordo com Salton, encontra na agricultura “uma forma de custear” a recuperação das pastagens degradadas, problema que atinge boa parte da área estadual de pecuária e reduz a produtividade. “Junto com isso vem o aumento da capacidade produtiva”, destaca.

Estudos da Embrapa mostram que a produção da pecuária pode até triplicar com a integração com a lavoura. “Com a pastagem recuperada, ele pode colocar mais animais na mesma área. No mínimo ele dobra a produção. Aumenta o ganho de peso do animal”, explica. Além disso, o pecuarista pode aproveitar os resíduos da colheita dos grãos como suplemento para

o gado em períodos de seca. “Antes, ele teria que desembolsar recurso próprio para comprar esses produtos como suplemento”, diz.

SOBREVIVÊNCIA

Para a economista e gestora do departamento de Economia da Famasul, Adriana Mascarenhas, a diversificação de culturas já é uma tendência no Estado e, mais que uma opção, a modalidade é considerada como uma estratégia de sobrevivência para manter os rendimentos positivos no campo. “Ele (pecuarista) entendeu que o maior bem que ele tem é a terra, então, ele vai diversificar a cultura. Não é estratégico ter uma cultura monogâmica. A integração é boa para todos”, avalia. Ela acrescenta que “aqueles que estão diversificando estão alcançando lucratividade maior”.

Levantamento da Famasul mostra que o preço do boi gordo caiu cerca de 3,5% quando comparado o preço da arroba em fevereiro deste ano com o mesmo período do ano passado. “A gente observa que a margem ponderada por arroba vem reduzindo. A rentabilidade do produtor vem caindo por conta da redução no preço do boi gordo”, esclarece.

Salton analisa que a “pecuária está totalmente diferente” do que era dez anos atrás. “A pecuária tradicional é aquela extensiva, do pasto degradado, onde a pastagem foi implantada há muitos anos e não recebe adubação, corretivos e com o passar dos anos vai perdendo sua capacidade de produção. O gado demora para engordar e o custo dessa produção fica muito alto, com margem muito pequena de lucro. Esse quadro não é mais sustentável”, esclarece.

Florestas também são excelente alternativa

Na região leste do Estado, a integração pecuária-floresta é a modalidade mais comum devido ao tipo de solo e condições climáticas. “Não temos solo e nem clima favorável para a agricultura. O que muitos produtores vem adotando é a integração da pecuária com a floresta”, diz o presidente do Sindicato Rural de Ribas do Rio Pardo, Robson Ribeiro. O município é o segundo maior em número de rebanho do Estado, atrás apenas de Corumbá.

Na propriedade de cerca de 9 mil hectares, o produtor Geraldo Mateus optou por fazer a integração entre produção de gado e eucalipto em área de 2 mil hectares como uma saída para recuperar pastagem e melhorar



DUPLA. Floresta X pecuária

os rendimentos. “Se está muito ruim a pecuária, você consegue continuar trabalhando com o rendimento do eucalipto. É uma opção que temos”, conta. (PV)

Técnica ajuda até no confinamento

Mesmo no modelo da pecuária de confinamento a integração também é uma opção que traz benefícios ao produtor, na avaliação de especialistas. “É altamente aconselhável”, conclui gerente da categoria de confinamentos da DSM, Marcos Baruselli. Entre as vantagens, ele cita a possibilidade de “descanso” para o solo e a redução dos custos com o confinamento, já que a produção da lavoura servirá como alimento para o gado. “Muitos confinados em Mato Grosso do Sul começaram (a modalidade) por causa da lavoura. Ele colhe soja, fica o resíduo e tudo isso serve de alimento para o boi confinado”, explica.

O Estado, segundo cálculos da DSM, conta com aproximadamente 400 mil animais

confinados, com concentração maior na região norte. São Paulo e Goiás aparecem no topo da lista nacional com cerca de 900 mil cabeças cada. Baruselli diz que houve uma retração nos confinamentos no Estado e em todo País de cerca de 20 a 30% em 2016 por conta da crise econômica e do aumento dos custos, com o preço da ração em alta. Mas a estimativa é que neste ano a modalidade volte a ganhar espaço no campo e recupere os índices perdidos.

A principal vantagem do confinamento é o aumento rápido de peso, mas, em contrapartida, está o custo de produção. “Em 90 dias no confinamento o boi ganha 180 quilos, enquanto que no pasto isso ia demorar um ano”, afirma. Ele afirma que



REBANHO. Estado tem hoje cerca de 400 mil bois confinados

a diferença entre os gastos e o lucro é positiva, considerando que o custo por arroba fique em média R\$ 90 – o preço de venda, em fevereiro, se-

gundo a Famasul, era de R\$ 133. “Um boi chega a produzir até 8 arrobas em confinamento. A conta se paga bem”, frisa. (PV)